

NIKELEN WITTER

ENTREVISTA ¹



A historiadora Nikelen Witter é professora da Universidade Federal de Santa Maria, RS. Ela faz parte da chamada “Terceira Onda” da Ficção Fantástica no Brasil. Em 2017, ela publicou *Territórios Invisíveis* e *Guanabara Real e a Alcova da Morte*, sendo esse último coescrito com Enéias Tavares e AZ Cordenonsi. Seu romance *Viajantes do Abismo* foi finalista do Prêmio Jabuti, em 2020, mesmo ano em que publicou o livro de contos *Dezessete Mortos*.

¹ Entrevista concedida a Vera Maria Bulla, doutoranda em Línguas Românicas na Universidade da Geórgia e instrutora de Português. Vbulla78@uga.edu

VERA MARIA BULLA: Em seu livro *Buscas curiosas* (2009), Margaret Atwood diz que “escritores escrevem sobre o que os preocupam”. O que preocupa Nikelen Witter e como podemos observar suas preocupações em sua ficção?

NIKELEN WITTER: Sempre brinco que *Viajantes do abismo* é um exorcismo. Escrevi esse livro praticamente todo em 2013 e havia uma série de coisas acontecendo. Eu tinha um filho entrando na escola em 2013. Nesse ano, também havia acontecido o desastre da boate KISS, em Santa Maria. Naquela época, estava lendo investigações científicas e li muito sobre o acidente em Fukushima em 2011, também sobre o derretimento do *Permafrost* e sobre as questões acerca do movimento do pré-sal. Então, estava pensando sobre o futuro do meu filho, sobre esse planeta em colapso e nessa época começa a polarização política no Brasil. E fiquei pensando que com tanta coisa importante para gente pensar, por que as pessoas resolvem brigar entre si? Comecei a ler sobre diversos lugares que estavam em guerra civil e como sou historiadora e trabalho com o momento contemporâneo, fiquei analisando o mundo em colapso e as pessoas em guerra por coisas que não terão sentido após o colapso do mundo. Na hora de construir a história, pensei nessa mulher que antes de tudo era uma curandeira. No meu mestrado e em meu doutorado, trabalhei com práticas de cura. O curandeirismo tem uma diferença crucial em relação à medicina porque a medicina entende que no prognóstico de uma doença, ela pode dizer onde aquilo vai dar, por exemplo “essa pessoa vai se curar” ou “essa pessoa vai morrer”, mas o curandeiro, não. O curandeiro é um teimoso. Não existe o incurável para o curandeiro. Então, queria essa mulher que não aceitava esse incurável. Eu também tenho uma influência de James Lovelock, autor da hipótese Gaia, e ele fala que existe a terra (rocha) e que sobre essa rocha tem um único sistema vivo e esse sistema vivo é todo a mesma criatura que se especializou em tentar sobreviver. Então o que tem sobre a terra é um ser. Essa ideia estava na minha cabeça porque esse ser está doente e algumas parcelas dele pensam em autocura e outras, que são células cancerosas, trabalham para acabar com tudo. Então tentei amarrar tudo isso à medida que fui contando a história. A construção da história é caótica e outro dia, eu estava criando um conto e eu disse para o meu marido: “estou entre o turbilhão e o silêncio da criação” porque a minha cabeça estava explodindo em mil vozes e eu preciso do silêncio para organizar essas vozes.

VMB: Podemos falar um pouco sobre a importância do feminismo na sua trajetória e sobre a representação do conceito dentro do romance?

NW: Eu tive uma trajetória *young adult* com o sagrado feminino e estudei muito sobre isso. O feminismo é muito importante para mim, mas confesso que realmente foi em 2013 que muitas coisas do meu feminismo entraram em ebulição. Em 2011, nós tivemos o Movimento da Marcha das Vadias e, hoje, nós celebramos a marcha como o marco da quarta onda. Por volta da mesma época, tivemos o rapto das meninas pelo grupo Boko Haram, na Nigéria, com mais de duzentas adolescentes sequestradas e isso se tornou um movimento internacional. Tivemos o assassinato da moça indiana, estudante de Medicina, que ao sair do cinema, já dentro do ônibus, foi violentada e assassinada. Então essas notícias estavam doendo muito. Eu queria ter uma protagonista mulher que se bastasse, que não precisasse ter apêndices, que não pertencesse, mas que precisasse ter laços de pertencimentos. Não é uma dependência, não é um pertencimento dependente e sim um pertencimento colaborativo. Eu queria essa heroína. Então falando sobre o planeta doente, o patriarcado é parte dessa doença, é parte da constituição dessa doença, então o protagonista não podia ser um curandeiro homem. Tinha de ser uma curandeira mulher. Uma vez ouvi uma crítica que dizia que a Elissa era um homem, que ela é muito masculina, que ela não faz as coisas normais do feminino, como ter filhos, não fala sobre a maternidade, ela se move no mundo como um homem. E por outro lado, eu queria escrever um livro em que eu conseguisse ser equitativa em termos de gênero. Não queria uma narrativa onde o feminino fosse superior, perfeito, porque eu acho que nós temos a nossa culpa no patriarcado também. Quando estava no meio do livro, inverti na minha cabeça o gênero de todas as personagens e me perguntei se a história mudaria significativamente se eu invertesse o gênero. Não! Então eu estou conseguindo fazer uma coisa equilibrada. Queria esse equilíbrio, mas do que ressaltar o feminino e embarcar no sagrado feminino; queria escrever algo equitativo em termos de gênero. Tenho vários leitores homens que se sentem extremamente identificados com a Elissa e isso também era algo que eu queria porque a gente como leitor já se identificou com tantos heróis literários, então por que os homens não podem se identificar com uma heroína literária? Não queria que eles embarcassem na história desejando, encantando-se, apaixonando-se por ela, mas que se sentissem como ela e muitos leitores homens me disseram sentir isso. Não vejo o feminismo como uma bandeira de mulheres. Acho que é uma bandeira para todo mundo.

VMB: Eu li um artigo sobre as masculinidades da Katniss Everdeen, protagonista de *Jogos Vorazes* (2010), de Suzanne Collins, criticando as ações da personagem por serem muito masculinizadas e isso gerou um grande debate sobre a personagem ser forte e corajosa sem precisar ser uma personagem homem.

NW: Eu li isso sobre a Katniss também. Li a trilogia e acho que a Suzanne Collins consegue dar esse equilíbrio ao ter personagens homens que não são excessivamente masculinos e mulheres que não são excessivamente femininas. Ela tem homens e mulheres que circulam dentro desse contínuo de gênero. Katniss é a caçadora e a provedora da família. Tem um rapaz na narrativa bom em maquiagem, que faz uma camuflagem e se funde ao ambiente. Ele também faz bolos e pães. A autora conscientemente separou isso ao colocar o personagem muitas vezes em posição de fragilidade e Katniss o salvando. Isso tanto mexe com as pessoas que faz com que alguns digam que ela é um homem. Não, não é. Ela só está deslocada do que as pessoas confortavelmente veem como masculino e feminino. Eu sou fã da trilogia. O último livro da trilogia é excelente.

VMB: Vejo uma preocupação em *Viajantes do abismo* (2019) com relação à representatividade de personagens. Você pode comentar a importância nas suas escolhas de personagens e nas motivações deles na narrativa?

NW: Eu tomei uma decisão de que seria o mais representativa possível. Uma das certezas era que a Elissa só teria irmãs. Não teria irmãos. Será que se ela tivesse um irmão, ele disputaria com ela o controle da família? Não sei. Na verdade, isso nunca me passou pela cabeça. A Aleia, eu sabia que seria uma grande manipuladora e uma criança. Eu tinha certeza de que ela seria uma menina. Já escrevi um menino manipulador no meu primeiro romance, *Territórios Invisíveis*, no qual criei os gêmeos, Hector e Ariadne. A Ariadne é “braba”, furiosa, mas não mente nunca. E o irmão dela é o manipulador. Já a Aleia tinha de ser uma menina invisível. Invisível no sentido de que ninguém ia pará-la na rua e perguntar se ela precisava de alguma coisa, se ela estava sendo cuidada. Tinha de mostrar que esse é um mundo racista, então ela tinha de ser negra porque se fosse branca de olhinhos azuis, não seria invisível. A invisibilidade da Aleia é sutil e não salta do livro toda hora, só aparece em uma determinada conversa com Seth quando este diz que ela tem essa forma porque assim manipula as pessoas, em seguida, fala que quem andou naquele mundo, sabe que a aparência dela atrai mais violência do que proteção. Eu li um livro de contos africanos para o meu guri que fala sobre os Mestres do



Destino e que todas essas histórias já foram vividas de alguma forma e que os Mestres sabem dessas histórias. Essas histórias já aconteceram, então às vezes, os Mestres te contam as tuas histórias. Então quando comecei a criar as religiões daquele mundo, sabia que queria alguma coisa dos Mestres do Destino e, obviamente o sacerdote tinha de ser negro (Caldre Antônio) com uma filha rebelde (Tyla). E sobre o Seth não ter um braço, eu já estava montando um mundo *steampunk*, gênero no qual é comum braços virarem armas. Tem até uma hora que perguntam pra ele se no braço mecânico não tinha uma arma e ele diz que não, era realmente só um braço. Mas ele tinha outros poderes, então eu estava brincando com as características do mundo *steampunk*. Pode perceber que no monastério, tem uma menina cega e ela é uma das líderes. Não são os impedimentos físicos que incapacitam a liderança. Queria brincar com os deslocamentos dos lugares onde reconhecemos o poder. Nós reconhecemos o poder nos adultos, eu ponho o poder nas crianças. Nós reconhecemos o poder nos homens, então vamos colocar o poder nas mãos das mulheres. Nós reconhecemos o poder nas mãos dos brancos, então vamos colocar nas mãos dos negros. Eu queria fazer esses deslocamentos, então eu comecei a escrever e eles vieram naturalmente.

VMB: E na Aleia, a gente pode confiar?

NW: A chave para entender a Aleia é não confiar nela. Ela tem um lugar de mãe-terra, que aparece muito nos mitos. A mãe-terra não é uma figura confiável. Ela é a senhora da vida e da morte, é senhora da transformação. Não vai ter um comportamento etnicamente retilíneo. Não podemos ser dependentes dela.

VMB: Na minha opinião, a mensagem principal do livro é uma mensagem de amor e cuidado uns para com os outros e também para com o meio ambiente. Estou certa?

NW: A Elissa é uma adolescente superficial que está seguindo na onda do que foi projetado para ela e aquilo não acontece. Ela encaramuja e decide não ter uma relação profunda com ninguém. Até mesmo a profissão de curandeira é uma forma de não manter relações profundas com ninguém. É útil e as pessoas vão procurá-la para falarem de si. Ninguém vai exigir que fale dela. Então consegue se fechar, não se conhecer. Não se conhece e se recusa a mergulhar em si mesma. Sempre! Ela é muito resiliente. Sempre é autoprotetora. Ela é a noiva do Larius e, depois, torna-se curandeira. A primeira grande história de amor de sua vida é com Tyla, porque têm um caminho de amor e amizade. Elas se amam, mas não romanticamente. Com Seth, ela começa com o desejo. Aleia diz para Elissa que amor não é uma coisa que acontece. Amor é

um desafio. O grande desafio é amar todas aquelas pessoas que destruíram o planeta, que fizeram guerra quando não tinha de ser feita, que matavam pessoas que ela amava. E isso é muito difícil. É sobre o amor pela humanidade. Esse também era o meu desafio lá em 2013 porque estava com muita raiva, mas eu tinha um filho de quatro anos, então precisava recuperar a minha crença e a minha fé pelo ser humano. O grande desafio não é amar uma pessoa que você naturalmente amaria. O desafio é amar uma pessoa “apesar de”. O desafio é amar negacionistas, pessoas que rompem com a realidade, pessoas nas quais você confia e que depois você descobre as atitudes horrendas que elas cometeram. A pergunta é: até quando você pode manter a ética de ser uma pessoa quando se está em guerra? É um desafio também para o leitor amar essas personagens que têm todos esses defeitos e dúvidas. Eu precisava fazer esse exorcismo. Precisava me lembrar de que tinha muita coisa para amar na humanidade e eu joguei esses desafios na Elissa. Se a gente não ama, por que vamos manter as coisas vivas? Por que vamos lutar pelo planeta? A verdade é que o grande bicho ameaçado é a gente. Nossa estrutura, nossa vida, nosso modelo, mas muitas pessoas não se dão conta disso. Eu precisava de uma personagem superficial que tem de se conhecer e de aprender como o mundo se organiza. Ela se reconhece ao reconhecer o mundo e ao reconhecer seu semelhante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATWOOD, Margareth. *Buscas curiosas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

COLLINS, Suzanne. *Jogos vorazes*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

PARVATHI, P. K. “Female Masculinity”. In: *Dystopian Adolescent Fiction – Suzanne Collins’ Hunger Games Series*. *European Journal of Social Sciences Education and Research*, maio-agosto de 2017, v. 4, n. 3, pp. 44-50. Disponível em: <https://revistia.com/files/articles/ejser_v4_i3_17/Parvathi.pdf>. Acesso em 30.12.2021.

WITTER, Nikelen. *Viajantes do abismo*. Porto Alegre: AVEC, 2019.